

A TERRITORIALIDADE E A MEMÓRIA COLETIVA NO QUILOMBO SÃO JOSÉ DA SERRA (RJ)

Arthur Silveira Souza
Jéssica Mafra Duarte
Mariana Sigiani Oliveira
Nicoly Rocha Fortuna*

RESUMO: Buscamos, através desse trabalho, dissertar sobre o território quilombola e a sua cultura, de modo a analisar o estilo de vida do quilombo no qual realizamos pesquisa de campo. Tendo por objeto de estudo o Quilombo São José da Serra, localizado no município de Valença (RJ), procuramos investigar o modo de vida de seus integrantes, a partir de um olhar sociológico, e partindo de conceitos como memória coletiva, identidade e territorialidade, todos estes inter-relacionados. Dessa forma, buscamos compreender a maneira como tais conceitos se entrelaçam com a história e com a cultura, e como isso influencia nossa própria história. O presente estudo tem como propósito explicitar a importância do direito quilombola à terra, demonstrando a importância da mesma para a manutenção de sua existência e dos seus membros. Concluimos que a terra é muito mais do que simplesmente o local onde vivem, ela simboliza a manutenção de suas vivências e continuidade de um modo de vida da comunidade.

Palavras-chave: Território, Territorialidade, Cultura, Memória Coletiva, Quilombo São José da Serra.

TERRITORIALITY AND COLLECTIVE MEMORY IN QUILOMBO SAO JOSÉ DA SERRA (RJ)

70

ABSTRACT: In this paper, we meant to examine the quilombola territory and its culture, in order to analyze the lifestyle of the quilombo in which we carried out field research. Having as object of study the Quilombo São José da Serra, located in the city of Valença (RJ), we wanted to investigate the conduct of its members, from a sociological perspective, and starting from concepts such as collective memory, identity and territoriality, all these interrelated. In this perspective, we try to understand how these concepts intertwine with history and culture, and how that influences our own history. This study aims to clarify the importance of quilombola land rights, demonstrating its importance for the maintenance of its existence and its members. We conclude that the land is much more than just the place where they live, it symbolizes the maintenance of their experiences and continuity of a community way of life.

Keywords: Territory, Territoriality, Culture, Collective Memory, Quilombo São José da Serra.

* Estudantes do 4º período do Ensino Médio Integrado em Informática para Internet, do Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus, Engenheiro Paulo de Frontin (IFRJ/CEPF).
Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 24, 2º sem. 2019, p. 70-75.

“Pra gente, isso aqui marca muito, porque hoje eu estou aqui, mas eu ainda vivo meu bisavô, meu avô, minha mãe e meu pai que faleceu. Não tem como separar a comunidade do território”
(Toninho Canecão, 2019)

Uma coisa tão simples para nós como o território, para os quilombolas significa a sobrevivência. A cultura quilombola é um dos pilares de nossa própria cultura brasileira, e o conhecimento desse fato é imprescindível para nos atentarmos à sua luta em busca da conquista do seu próprio espaço.

De acordo com Alecsandro Ratts (2003, 2004 *apud* CNE/MEC, 2012, p. 16),

o território quilombola se constitui como agrupamento de pessoas que se reconhecem com a mesma ascendência étnica, que passam por numerosos processos de mudanças culturais como formas de adaptação resultantes do processo histórico, mas se mantêm, fortalecem-se e redimensionam as suas redes de solidariedade.

A importância do território está diretamente relacionada à memória coletiva, pois esta tem um papel fundamental no reconhecimento da identidade quilombola. Ela é responsável por preservar os conhecimentos, crenças, costumes e a própria cultura de um grupo. Segundo Roque de Barros Laraia (2017), ao apresentar os antecedentes históricos do conceito de cultura, apoiando-se em autores como Jacques Turgot, afirma que o homem possui a capacidade de manter suas ideias, e passá-las para seus descendentes em forma de uma herança que tende sempre a crescer, daí a relevância da memória coletiva.

A cultura quilombola é descendente dos escravizados vindos da África, tendo assim fortes traços destes povos, como também aspectos construídos no Brasil, como o jongo e a capoeira, danças criadas pelos escravizados como forma de defesa e resistência aos padrões culturais impostos pelos colonizadores.

Para as autoras Marcella Furtado, Regina Pedroza e Cândida Alves (2014, p. 107),

a cultura quilombola, enquanto esfera social, permite aos indivíduos expressarem seus valores e princípios e vincularem-se de forma simbólica e afetiva ao grupo. Por ser um espaço de trocas e compartilhamento de conteúdos simbólico-afetivos, permite aos sujeitos que se sintam pertencentes a esse universo particular e se apropriem de valores e conteúdos inerentes à realidade em questão.

Dessa forma, o conceito de identidade pode ser compreendido como fruto das ações entre o indivíduo e a sociedade na qual ele participa e se desenvolve, baseado nos processos ali vividos. Ela é responsável por ligar o ser ao meio em que ele vive, conectando seus sentimentos aos papéis desenvolvidos, à cultura e às relações sociais ali criadas.

Por sua vez, a territorialidade é para os quilombolas um princípio importante, não se tratando apenas de isolamento. A terra é muito mais do que simplesmente o local onde vivem, ela simboliza a manutenção de suas vivências e continuidade do modo de vida da comunidade.

Ainda assim, a comunidade quilombola ainda enfrenta muitos problemas para manter sua cultura viva. Um exemplo disso é a luta pelo direito e acesso à terra, que mesmo ocupada pelos quilombolas, muitas vezes são insuficientes ou inseguras para sua comunidade, já que são vítimas constantes de processos violentos de invasão de propriedade para mineração, agricultura e pecuária.

Por isso, existem leis que visam garantir sua preservação, como o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal Brasileira, que afirma: “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

Entretanto, a Fundação Cultural Palmares, apoiada em dados do INCRA, afirma que passados 28 anos da criação de leis que visam o direito quilombola à terra, das 2.648 comunidades existentes no Brasil apenas 30 conseguiram o título de suas terras. Dentre eles, o quilombo São José da Serra.

Localizado em Valença, interior do Estado do Rio de Janeiro, o Quilombo São José da Serra é nacionalmente conhecido pela Festa do Jongu, comemorada sempre em 13 de maio. Este quilombo recebeu do Incra a Concessão do Direito Real de Uso (CDRU) em novembro de 2015, após quase dez anos de luta pela posse das terras conforme relatado pelo atual líder do quilombo, Antônio Nascimento Fernandes – Toninho Canecão.

O principal meio de subsistência da comunidade é a agricultura familiar, atividade que envolve a participação das famílias quilombolas, onde a economia local vem da produção da variedade de feijões, milho, batata, mandioca, laranja, banana, entre outros cultivados nos quintais e nas roças localizadas no interior da comunidade.

Buscando compreender empiricamente como os membros do Quilombo São José da Serra se relacionam e vivem no seu território, transmitindo – através da oralidade e da memória coletiva – uma cultura e um modo de vida próprio, realizamos uma pesquisa de campo neste quilombo, desenvolvida a partir da disciplina de Sociologia.

Tendo trabalhado esta temática ao longo das aulas, através de discussões teóricas, pesquisas, apresentações de seminários e preparação para a ida a campo, que incluiu a formulação de um roteiro de entrevista para nos auxiliar na pesquisa e na conversa com os moradores da comunidade, realizamos a visita ao Quilombo São José da Serra no dia 9 de maio de 2019.

Partimos do *campus* Engenheiro Paulo de Frontin bem cedo, com o objetivo de chegar pela metade da manhã e permanecer até o fim da tarde. A viagem de ida durou algumas horas, devido a tamanha distância e a remota localidade do quilombo.

Figura 1 – Fala de Abertura, com Toninho Canecão



Fonte: Acervo Pessoal, 9 de maio de 2019.

Ao chegarmos lá fomos recebidos pelo líder da comunidade, Toninho Canecão, que nos apresentou a alguns membros da comunidade.

Em seguida conhecemos a escola do quilombo, onde conversamos com as professoras e interagimos com os estudantes, apesar de sua timidez. Logo após, fomos divididos em dois grupos e guiados por duas moradoras do quilombo - Luciene e Gilmara - até o Jequitibá, árvore centenária de grande importância para a história da comunidade. Cada grupo foi conduzido por

Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 24, 2º sem. 2019, p. 70-75.

um caminho diferente até o local, passando por outros lugares importantes, tal como um memorial circular que nos contava a história do processo de obtenção dos seus direitos, sendo inclusive exibida a placa que antes impedia a livre circulação por seu território.

Figura 2 – Placa quebrada por Toninho, no dia em que receberam o Direito Real de Uso de seu território



Fonte: Acervo Pessoal, 9 de maio de 2019.

O território do quilombo São José também possui grande relevância devido à quantidade de plantas medicinais encontradas, que são utilizadas para estudos e para uso próprio dos moradores.

Com o fim da pesquisa de campo, saímos com um conhecimento ampliado sobre o quilombo e o seu funcionamento. Entendendo que a real definição de quilombo não se encontra em livros e *sites*, pois é um lugar com uma cultura viva onde, mesmo perante tantos desafios e dificuldades, são priorizados o amor e a alegria. É difícil de entender como um lugar tão afastado e sem tecnologias avançadas consegue ter tanto conhecimento. A verdadeira história do Brasil se encontra naquele lugar, as nossas raízes, mesmo sendo tão antigas, apresentam um modelo de uma sociedade melhor que a atual. Por isso, em meio a tantos ataques, as terras quilombolas precisam ser valorizadas e protegidas.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988.

Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 24, 2º sem. 2019, p. 70-75.

_____. CNE/MEC. Parecer CNE/CEB nº16/2012. Propõe à Câmara de Educação Básica a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

FURTADO, Marcella et al. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. In: **Psicologia e Sociedade**, n. 26. Belo Horizonte: ABRAPSO, 2014. pp. 106-115.

LARAIA, Roque. **Cultura: um conceito antropológico**, 28. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

RATTS, Alecsandro. As etnias e os outros: as espacialidades dos encontros/confrontos. In: **Revista Espaço e Cultura**, v. 18, n. 17. Rio de Janeiro: NEPEC/UERJ, 2004. pp. 77-88.

_____. A geografia entre aldeias e quilombos. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alecsandro J. Prudente (orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. pp. 29-48.

Consultas Virtuais

<<https://terradedireitos.org.br/acoes/quilombolas/8>> Acesso em: 29 de setembro de 2019.

<<http://www.palmares.gov.br/?p=46307>> Acesso em: 29 de setembro de 2019.